

TRÊS ESCRITORES CEARENSES NA II FEIRA BRASILEIRA DO LIVRO

Carlos d'Alge *

Resumo

Por ocasião da II Feira Brasileira do Livro, o autor deste texto foi convidado a fazer a apresentação de livros de três escritores cearenses: Caetano Ximenes de Aragão (A ilha dos cornos), J. C. Alencar Araripe (Alencar, o padre rebelde) e Rubens de Azevedo (Memórias de um caçador de estrelas). Caetano Ximenes de Aragão faleceu em 1995, e foi a sua família quem convidou o autor para fazer a apresentação do seu livro inédito, publicado pela editora Maltese, de São Paulo, às vésperas da Feira, em convênio com a Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará. J.C. Alencar Araripe e Rubens de Azevedo convidaram pessoalmente o autor para fazer as apresentações dos seus livros. Os textos que se publicam agora são antecedidos de uma notícia bio-bibliográfica de cada um desses autores, colhida no Dicionário da Literatura Cearense, organizado por Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa.

Summary

At the moment of the II Brazilian Book Fair, the author of this text was invited to make a presentation of the books written by three writers from the state of Ceará: Caetano Ximenes de Aragão ("A Ilha dos cornos"), J. C. Alencar ("Alencar, o padre rebelde") e Rubens de Azevedo ("Memórias de um caçador de estrelas"). Caetano Ximenes de Aragão died in 1995, and it was his family that invited the author to present his unpublished book, published by the publishing company Maltese, from São Paulo, on the eve of the fair, in agreement with the Secretary of Culture and Sports of Ceará. J. C. Alencar Araripe and Rubens de Azevedo invited personally the author to talk about their books. The texts that are published now are preceded by some biobibliography news of each one of these authors, found in the "Dicionário da Literatura Cearense", organized by Raimundo Girão and Maria da Conceição Sousa.

ARAGÃO (CAETANO XIMENES DE). Filho de Roberto Ximenes Aragão e Edite Ximenes Aragão, nasceu no dia 24 de fevereiro de 1927, em Alcântaras, Ce. Primeiros estudos com professores particulares e os demais no Colégio Farias Brito e no Colégio Sobralense. Médico pela Faculdade de Medicina da Bahia, diplomado em 15 de dezembro de 1952. Foi membro da Academia Cearense de Medicina, Cadeira No. 29, de que é Patrono João Estanislau Façanha. Fez clínica geral. Pertenceu à Diretoria do Centro Médico Cearense e foi Secretário do Conselho Regional de Medicina do Ceará. Poeta de fina inspiração, publicou, todos de poesia - O Pastoreio da Nuvem e da Morte, 1975, Romanceiro de Bárbara, 1980; Sangue de palavra, 1981; Caetânias, 1985, que se compõe de um poema, dito pelo poeta, "escrito na contramão, juntando os fragmentos do poema. Recuperando o mito de Orfeu no homem das idades atômicas, o poema foi tecido a partir dessa consciência trágica, numa tentativa de integrá-lo". E acrescenta: "Em poesia não deve haver só uma medida que limita, mas múltiplas medidas que a transformam; só um ritmo monocórdico, que ensurdece, mas a diversidade rítmica, criadora e libertária"(Posfácio). Caetano Ximenes de Aragão faleceu em Fortaleza, em 14 de julho de 1995.

Fontes para estudo crítico:

Francisco Carvalho, "Apresentação" in (Pastoreio da Nuvem e da Morte; Dimas Macedo, Leitura e Conjuntura, p. 35-36; Sânzio de Azevedo. Literatura Cearense, p. 561-565; José Alcides Pinto, Política da Arte I e II; Braga Montenegro, "Entrevista", O Povo, Fortaleza, 26.08.79.

IRONIA E SÁTIRA NA ILHA DOS CORNOS

Perdi um dos melhores amigos, com quem gostava de conversar, nos fins-de-semana, sobre política, coisas do mundo: o médico e poeta Caetano Ximenes de Aragão. Conhecemo-nos na casa de Moreira Campos, quando nos

* Professor Titular e Chefe do Departamento de Literatura da UFC. Livre Docente em Literatura Portuguesa.

reuníamos, também aos sábados, para um animado bate-papo, regado a vinho do Porto, de que participavam outros amigos, entres eles o poeta Francisco Carvalho.

Anos antes perdêramos Milton Dias: depois foi a vez do Moreira partir e, mais recentemente, do poeta do Romanceiro de Bárbara. Foram perdas terríveis por que os ausentes eram generosos, amigos, e bons conversadores. A inteligência cearense ficou mais orfã e a rotina apressada em que vivemos cortou qualquer outra possibilidade de convivência.

Pediram-me Dulce, Ângela e os filhos varões que falasse do livro inédito de Caetano. O projeto eu já o conhecia e chegara a ler alguns capítulos da Ilha dos Cornos. Caetano era um dos poucos médicos que aliava à sua profissão o sabor humanístico. A sua sensibilidade e o seu grito de protesto contra os tiranos e opressores do povo conduziram-no à poesia.

Leitor incansável, Caetano não reuniu apenas uma bibliografia especializada em literatura ocidental, mas conhecia a fundo essa literatura. Foi ele quem me emprestou os Poemas Eróticos de Bocage, somente publicados em Portugal após a revolução de 1974.

Não conseguiu em vida publicar o seu livro; não encontrou editor diligente e inteligente; o que só veio a acontecer depois da sua morte, graças aos esforços da sua filha Ângela, que tomou como compromisso de honra publicar o inédito do seu pai, e o apoio da Secretaria de Cultura e do Desporto do Ceará.

Abandonemos os falsos moralismos e cantemos com Drummond:

Oh sejamos pronográficos (doce-mente pronográficos) por que sere-mos mais castos que o nosso avô português?"

Caetano, a exemplo das utopias renascentistas e da doce ilha de Vênus, criada por Camões na sua epopéia, cria também uma ilha que servirá para alojar, como escreveu pela primeira vez, em 1516, o poeta Gil Vicente, no Auto da Barca do Inferno, os "cornudos".

O livro é dedicado a Charles Fourier, escritor de transição do final do século dezoito, autor do Quadro analítico da corneação; e a Camilo José Cela, galego, autor do Rol dos Cornudos, ganhador do Prêmio Cervantes, o maior de Espanha.

A ilha seria um novo Éden, mas com um caráter especial, nela só teriam lugar as personagens históricas vítimas do adultério feminino. Todavia, o autor, que não queria ser chamado de "porco chauvinista" pelas feministas, concedia abrigo na ilha a todos as mulheres, menos as dos cornolesenses...

Dividido em 27 capítulos, além do humor e ironia com que foi escrito, o autor rasteia todas as cornopatas desde o mundo clássico à contemporaneidade. Dá-nos conta do primeiro "corno venturoso", na figura de D. Manuel, o do descobrimento do Brasil, que escolhera noiva para seu filho, a jovem D. Leonor, e em vez de entregá-la ao primogênito, resolveu casar com ela. Tinha o viúvo 55 anos e a jovem 18.

O inevitável acabaria por acontecer. Caetano descobre ainda em Shakespeare a figura do "corno lamentoso".

Os capítulos "Estudo das cornopatas" e "O hospital São Cornélio", na medida em que falam da fisiopatologia, das doenças e dos medicamentos, cumprem o que preconizava Molière, aliás corno ilustre, de que "rindo melhoram-se os costumes".

O cancionero popular, os adágios, as crenças do sertão nordestino, são retratados no capítulo sobre chifre, o bode, a cabra, e o diabo. Caetano vai encontrar na moral judaico-cristã as explicações históricas, a simbologia representada pelos chifres e pelo diabo. Recolhe ainda sonetos de poetas como Bocage, que diz:

"Não lamentes, Alvino, o teu estado, corno tem sido muita gente boa; corníssimos fidalgos tem Lisboa, milhões de vezes cornos têm reinado".

para concluir: "que isto de ser corno é tudo peta".

No capítulo sobre o bode, que é a figuração do diabo, devasso e fornicador, Caetano aconselha:

"Aos velhos com dificuldade, que o melhor afrodisíaco é dormir com cabloca nova nordestina, numa fazenda que possua um chiqueiro de bode junto à casa. Garanto que a libidinagem, o bodejamento e a esculhambação bodina, levantam até defunto da cova e o diabo estará presente no levante".

O livro é enriquecido com um ensaio de Edigar de Alencar, a pedido do autor, sobre a dor-de-cotovelo na canção popular. Depois vem a lista dos cornos famosos, a partir de Menelau, o de Tróia, até o Presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt.

Contudo, o melhor está na recriação de uma longa carta, em estilo seiscentista, à maneira de Quevedo, dirigida por "um cornudo a outro", e ainda a visita do escritor José Alcides Pinto à ilha, com as devidas imunidades diplomáticas, pois Caetano atribui ao seu amigo e poeta a qualidade de um sátiro com pés e pernas bodescas a infernizar as ninfetas das nossas florestas tropicais.

Assim, esclarecendo, informando, rindo e ironizando o ridículo da pompa e do poder, Caetano Ximenes de Aragão chega ao fim da Ilha dos Cornos, sátira que deve ser lida com muito agrado, pois, para repetir Pessoa, nada neste mundo é importante, nem crenças, exércitos, atitudes. Só a arte é importante porque é útil. A arte fica porque dura. E a arte de Caetano é eterna.

AZEVEDO (RUBENS DE). Filho do conhecido poeta e pintor Otacílio Ferreira de Azevedo (Otacílio Azevedo) e de Teresa Almeida de Azevedo, nasceu em 30 de outubro de 1921, em Fortaleza, tendo aqui feito os primeiros estudos (Colégio, Waldemar Falcão) e os preparatórios no Colégio Rui Barbosa. É Bacharel e Licenciado em Geografia e História

da Universidade Estadual do Ceará, onde coordena o Observatório Oto de Alencar. Colaborou na Revista Contemporânea, de 1945 a 1948, no Ceará Social, 1949; em Evidência, 1949, todos de Fortaleza, e em Alterosa (Minas Gerais), 1950; Ciência Ilustrada e Mecânica e Ciência, de São Paulo (1955-1960). Deu a sua colaboração costumeira nos jornais O Estado, de 1942 a 1945; O Povo, de 1950 a 1965; Diário do Povo, de 1948 a 1950; Diário do Ceará, 1950, todos de Fortaleza, e no Diário de São Paulo, de 1958-1864, e no tempo de São Paulo, de 1953 a 1954. Em São Paulo foi Orientador Pedagógico do SENAC, orientando 40 professores de Geografia nas 12 escolas do SENAC do Estado; colaborou na Imprensa e participou de pesquisas astronômicas do Observatório do Capricórnio, hoje estação Astronômica Municipal de Campinas. A sua residência em São Paulo foi de 14 anos, tendo ali lecionado em Colégios e fundado associações científicas. Foi sócio da Associação Paulista de Belas-Artes. Transferindo-se para o Rio Grande do Norte, lecionava Astronomia na Fundação José Augusto; mudando-se, depois, para João Pessoa, onde instalou o Observatório Astronômico da Paraíba, da Fundação Padre Ibiapina, e lecionou Geografia e História na Faculdade de Ciências e Letras de Patos. Foi convidado a participar do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica. Radicando-se na capital cearense, foi chefe da Diretoria de Arte e Cultura (Emcetur) e Diretor da Casa de Cultura Raimundo Cela. Mereceu a Medalha Alberto Maranhão, do Estado do Rio de Grande do Norte; Diploma de Orientador da Ordem da Solidariedade, de São Paulo; Diploma da Revista Cultural da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba. É Delegado do Instituto Brasileira de Estudos Antárticos (IBEA), para o Ceará. A sua especialização científica e o seu entranhado devotamento às coisas de Astronomia levantam-no a ser considerado o mais abalizado estudioso desses assuntos no Ceará atual.

Livros Publicados:

Uma Viagem Sideral - Ed. Clã, Fortaleza, 1947; O Desenho Sem Mestre - Ed. Gráfica Bentivegna, S. Paulo, 1954 (5 edições); Selene - A Lua ao Alcance de Todos - Editora Pincar, São Paulo, 1959; Lua, Degrau para o Infinito - Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 1962; Na Era da Astronáutica - Editora do Brasil S/A, São Paulo, 1970 (10 edições); No Mundo da Estelândia - Editora do Brasil S/A, São Paulo, 1973.

Fontes para estudo crítico:

R. Argentièrre, Prefácio de Selene - A Lua ao Alcance de Todos; Flávio A. Pereira - Prefácio de Lua, Degrau para o Infinito; Luís da Câmara Cascudo, Prefácio de No Mundo da Estelândia; Esquema da Pintura no Ceará (Barbosa Leite), Fortaleza, 1947; O Sol e os Planetas, de R. Argentièrre, São Paulo, 1957; Dicionário de Astronomia e Astronáutica, Jorge O'Gray de Paiva, Revista Continente Editorial, Rio de Janeiro, 1979; Esboço de uma Bibliografia Brasileira sobre a Lua, in Em Busca de Outros Mundos, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1981;

Manual do Astrônomo Amador, de Jean Nicolini, Editora Papirus, Campinas, 1985, Editora Internacional, verbete "Lua", vol. 13, páginas 7005 a 7026. Raimundo Araújo, Poetas do Ceará, p. 146; Livros e Autores do Ceará, p. 179-81.

AS MEMÓRIAS DE RUBENS DE AZEVEDO

Conheci Rubens de Azevedo em 1949, há quase cinquenta anos. Era aluno do Colégio Cearense e foi na Dona Leopoldina, num encontro de jovens músicos e poetas, que nos vimos pela primeira vez. De lá para cá, tornamos a nos encontrar, ora na Universidade, ora na imprensa, ora em acontecimentos sócio-culturais.

Na Universidade cimentei o meu relacionamento com outros filhos de Otacílio de Azevedo. Sânzio, meu colega de docência na Faculdade de Letras; Consuelo, professora da UECE; e Nirez, no jornal O POVO. Assim, de certa maneira, estive sempre ligado aos Azevedo, criativos e talentosos.

Agora, Rubens pede-me para apresentar o seu novo livro Memórias de um caçador de estrelas; editado pela UFC, na Coleção Alagadiço Novo, dirigida pelo Reitor Antônio Martins Filho.

Li o volume nos feriados da Semana Santa. São 226 páginas de leitura agradável porque escrita em breves capítulos e num estilo conciso e elegante.

Dividido em cinco partes: Lembranças Esparsa, Do Amor, Dos Amigos, Da Pintura, e Da Astronomia. Na primeira, foi com fruição e mesmo com alguma emoção que recordei lugares, pessoas e acontecimentos da nossa juventude, não participando de todos narrados por Rubens, porque só vim morar em Fortaleza em 1946, ingressando no Curso Científico do Colégio Cearense. Mas recorro os bondes, as aventuras pela madrugada, numa cidade pacata, em que havia tempo para ouvir seresteiros, sentar à calçada, assistir à saída das meninas da Escola Normal. Não havia pressa, e estávamos longe da ideologia que nos impõem agora, da velocidade, da competição desenfreada, do consumo explícito, do caos em que se tornou a vida nos grandes centros urbanos.

As leituras juvenis de Rubens trouxeram-me de volta os folhetins de Michel Zévaco, Ponson du Terrail, Perez Escrich, e Xavier de Montepin. Que saudade do Suplemento Juvenil, e das primeiras aventuras do Fantasma, de Flash Gordon e do Príncipe Valente!

O capítulo sobre o Castelo do Plácido lembra-me a aventura de três rapazes, eu entre eles, que saindo das suas proximidades foram a pé, atravessando matos e alguns perigos, até a lagoa onde hoje está a cervejaria Brahma. Rubens tem razão em reclamar da destruição dos nossos prédios históricos, substituídos por uma arquitetura moderna, que não diz nada.

Acompanhamos o escritor pelos seus ofícios de retocador de fotografias na Aba-film, de funcionário de empresa privada e de professor do SENAC, em São Paulo. Mas é nos perfis de pessoas que conheceu, das décadas de 30 e 40, que está o melhor dessa primeira parte do seu livro.

Na segunda parte, Do Amor, Rubens fala dos seus sentimentos, de sua paixão de adolescente pelas atrizes Elisa Landi e Ida Lupino, o que me fez recordar a minha paixão primaveril por Ingrid Bergman, não a de Casablanca, mas a de Por quem os sinos dobram, e comenta outras tantas paixões, até encontrar a definitiva, na pessoa de sua companheira Jandira.

Em Dos Amigos, lemos os perfis que o acompanharam na grande aventura humana, em descobrir lugares, coisas e pessoas. Aí têm relevo os artistas, os amigos da astronomia, iniciantes no segredo das estrelas, os cineastas. São comoventes as páginas dedicadas a Darcy Costa, colega de infância, da adolescência, e da maturidade, infelizmente desaparecido. Também constituem um justo testemunho os perfis de Luis da Câmara Cascudo e de Audifax Mendes, além dos colegas Jean Nicolini, Rômulo Argentièrre, e do mestre Leal da Costa.

Na quarta parte, Da Pintura, estão a Sociedade Cearense de Artes Plásticas, o Salão de Abril, os perfis de Clóvis Costa, Júlio Azevedo, Barbosa Leite, Vicente Leite, e do mestre Raimundo Cela.

Sobre Raimundo Cela, escreve Rubens:

“Alto, magro, palidíssimo, olhos negros e profundos”, e maia adiante: depois dos três encontros com o mestre: “Nunca mais vi Raimundo Cela. Mas ua imagem nunca se apagou da minha retina. Persiste a minha imorredoura admiração por esse gênio - o mestre de desenho, da gravura e da pintura cearenses”.

A quinta e última parte é dedicada à segunda paixão de Rubens: a astronomia. Narra as suas experiências em busca das estrelas, os seus contactos com os colegas do centrosul, o I Encontro Nacional de Astronomia, o IV Congresso de Astromia Latino-Americana. Há tempo, ainda para contar histórias curiosas como a do Homem do “Sol Frio”, tipo curiosíssimo descoberto por Rubens em 1950. E ainda as suas pesquisas no Observatório de Capricórnio, em São Paulo.

Rubens é autor de numerosa bibliografia sobre essas pesquisas. As suas Memórias dão o toque da sensibilidade e da paixão à sua vida. O sonho de um planetário em Fortaleza, acalentado desde 1947, não se tornou possível. Houve promessas, mas há de se confiar em promessas? São quase sempre sonhos de uma noite de verão, nada mais.

Caríssimo Rubens: parabéns pelo seu agradabilíssimo registro humano e apaixonado: as suas Memórias de uma caçador de estrelas.

ARARIPE (José Caminha de ALENCAR). Nascido em Jardim, Ce., no dia 1o. de maio de 1921, filho de Otaviano Cícero de Alencar Araripe e Joana Caminha Gondim Araripe. Bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais, faz parte do Conselho de Educação do Ceará, é Membro do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará; da Comissão da Medalha da Abolição. Coordenador de Comunicação Social da Escola Técnica Federal do Ceará e dos jornais Diário do Nordeste e Tribuna do Ceará, ambos de Fortaleza. Professor da Escola Técnica de Comércio Carlos de Carva-

lho; da Academia do Comércio Padre Champagnat; Professor Assistente, por meio de concurso, do Curso de Comunicação Social da UFC. Chefe do Departamento de Comunicação Social da mesma UFC. Presidente da Coordenação deste Curso de Comunicação Social. Coordenador Geral dos Estágios Supervisionados no Cursos de Comunicação Social. Membro do Conselho Departamental da Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, além de várias outras funções. Secretário da Faculdade de Medicina da UFC; Diretor da Divisão de Planejamento e Controle da UFC; Presidente do Grupo de Trabalho que promoveu a readaptação dos funcionários da UFC; Membro da 1a. Comissão de Programação e Acesso dos funcionários da citada UFC; Secretário Geral da Presidência do Tribunal Regional do Trabalho, do jornal O Estado e Chefe de Revisão, Secretário de Redeção e Diretor de O POVO. Vereador à Câmara Municipal de Fortaleza (1737 dias de mandato). Presidente desta Câmara Municipal; Prefeito interino de Fortaleza. Portador de muitos prêmios e distinções, entre outras; Medalha Jurandir Picanço, condecoração do Centro Médico do Ceará; Palma de Babaçu, como personalidade do Nordeste, 1987”, recebida em S. Luís do Maranhão; Medalha de Prata do Ceará; Medalha Jubileu de Prata, conferida pela Universidade Federal do Ceará; Medalha (ouro) Tomás Pompeu, outorgada pela Academia Cearense de Letras; Medalha do Mérito Pestalozziano, conferida pelo Instituto Pestalozzi do Ceará. Publicou: A Faculdade de Medicina e a sua Ação Renovadora, 1948; Nordeste, Pão e Água, 1959; Do Sonho de Brasília à realidade do Nordeste, 1960; A Glória de um Pioneiro. A vida de Delmiro Gouveia, 1965; O Mundo em Três Dimensões, 1967; Gente da Gente, 1979; Do Amazonas ao rio de minha aldeia, 1986; além de inúmeras publicações em jornais e revistas, em forma de ensaios, artigos, reportagens, crônicas e discursos, com acentuada tendência para as apreciações biográficas e para a pesquisa, em número de 13 (1957) e sobre os Estados Unidos da América do Norte, em número de 14 (1957) e sobre a Alemanha Ocidental em número de 16 (1961). Pertencente à Academia Cearense de Letras (Cadeira No. 12, patrocinada pelo filólogo Heráclito Graça) e ao Instituto do Ceará, além de outras instituições de caráter cultural.

Fontes para estudo crítico:

Brasil e Brasileiros de Hoje, v. 1, p. 83; Falas Acadêmicas, p. 380; Raimundo Girão - A Academia de 1894, p. 103; Raimundo Meneses - Dicionário Literário Brasileiro, v.1, p. 112; 2o ed. p. 59; Who's who in Brazil, 5 ed., v.1, p.224; José Alcides Pinto - Política da Arte, p. 149.

ALENCAR, O PADRE REBELDE

O jornalista e professor J. C. Alencar Araripe pediu-me para apresentar o seu novo livro, o 12º. , Alencar, o Padre Rebelde, que aparece com o subtítulo Conspirador com olhos de lince e vãos de água, editado pela Secretaria de Cultura e Desporto.

Não sou especialista em historiografia da nossa terra. Sou um curioso: em 1980, quando tomei posse na Academia Cearense de Letras, tendo como patrono a figura emblemática do Senador Pompeu, tive de pesquisar e ler sobre a História do Ceará. Aí aprendi muito consultando os registros da época, a correspondência do Senador, organizada pelo saudoso amigo José Aurélio Saraiva Câmara, e os livros de Raimundo Girão e Gustavo Barroso.

Mais recentemente, ao escrever um ensaio sobre a Marquesa de Alorna, escritora e tradutora dos pré-românticos alemães, mergulhei na historiografia portuguesa entre 1750 e as primeiras décadas do século XIX, e pude constatar que, de certa maneira, a Marquesa, subversiva e competente, conspirou contra Pombal, e depois, tentou sublevar as forças da Vendéia contra Bonaparte, havendo aconselhado D. João VI a partir para o Brasil.

O que isso tem a ver com o Padre Rebelde? Apenas uma correlação, na medida em que o diácono José Martiniano de Alencar foi deputado às Cortes de Lisboa e esse período integrou a minha pesquisa.

Conheço J.C. Alencar Araripe desde quando vim residir em Fortaleza. Foi ele responsável pelo meu ingresso ainda rapazinho no jornalismo, publicando meus textos juvenis em O POVO. Depois reencontramo-nos na UFC, na instalação do Curso de Jornalismo, de que foi professor, e nas atividades burocráticas da Reitoria, de que fomos funcionários. Além desse convívio, temos o convívio da Academia, e na Associação de Imprensa, que ele preside.

O estudo sobre o Senador Alencar abrange 27 capítulos, distribuídos por 227 páginas. O autor, descendente dos Alencares, oriundos de Freixieiro de Soutelo, freguesia do Conselho de Viana do Castelo, aprazível burgo no norte de Portugal, província do Minho, foi buscar nos arquivos, na bibliografia disponível, as informações de que se valeu para escrever o seu livro. Homenageia, assim, os seus antepassados, em que sobressai Dona Bárbara Teixeira de Alencar, mãe do diácono José Martiniano de Alencar, o futuro Senador.

Araripe acompanha os triunfos e as desgraças do padre José Martiniano, envolvido na revolução de 1817, considerada por Luís da Câmara Cascudo, como a “mais linda, inesquecível, arrebatadora e inútil das revoluções brasileiras”, e na Confederação do Equador. Na cadeia, Alencar escreve um soneto, recolhido nos arquivos do Barão de Studart, e agora publicado por Araripe, que começa assim:

“Não lastimo do terrível cárcere a opressão
Nem dos pesados ferros o rigor,
A perda dos bens não me causa dor,
Não sinto contra mim da Parca mão”.

E conclui:

“Só sinto, só lamento com instância
E trarei sempre escrito na lembrança
De certos amigos meus a inconstância.”

O autor dedica um capítulo à participação de José Martiniano nas cortes de Lisboa, tendo o diácono 28 anos. Mas a sua lua-de-mel em Portugal duraria pouco. Com a proclamação da Independência abandona Lisboa e refugia-se na Inglaterra, de onde vem para o Brasil.

O envolvimento de Alencar na Revolução do Equador é descrito com rigor e só temos a lamentar o martírio dos conspiradores que passaram para a nossa História.

O diácono Alencar é levado preso a caminho da corte. Escreve então a “Súplica” ao Imperador, que é transcrita na íntegra em um capítulo do Padre Rebelde. Conta Araripe um episódio rocambolesco ocorrido na fuga do prisioneiro. Surpreendido na caatinga pela tropa que voltava do Cariri, Alencar usa de curioso estratagema para se livrar dos ferros: tira da algibeira um retrato de mulher, uma portuguesa com que se relacionara em Lisboa, e diz ser a Rainha. Os soldados ajoelham-se e beijam a imagem.

Absolvido em 1826, o diácono é eleito Deputado geral em 1830, e, anos depois, é nomeado Presidente do Ceará. Como presidente, criou o primeiro banco do Estado; abriu as primeiras estradas; estimulou a abertura de poços e cacimbas; criou a primeira Escola Normal; inaugurou a iluminação da Capital; tratou do melhoramento do porto.

Araripe vê no Senador a necessária clarividência e a ele atribui os méritos na renovação administrativa do nosso Estado. Teria sido José Martiniano o primeiro reformista, e o mais notável conspirador do Brasil, fazendo coro com as palavras de João Brígido, que considerava o diácono e político um lince.

Depois da presidência do Ceará, Alencar é eleito Presidente da Câmara dos Deputados e Senador. É uma das figuras mais em evidência na corte. Em 1840 é novamente Presidente do Ceará e o seu retorno é motivo de festejos comandados pelos liberais ou chimangos como eram conhecidos.

Tudo isso já pertence ao passado. Hoje quem visita a Casa de José de Alencar, órgão suplementar da Universidade Federal do Ceará, mal dá conta que naquele sítio viveu o Senador Alencar, que lá nasceram seus filhos, entre eles o escritor José de Alencar, figura primeira do nosso Romantismo. Do sítio antigo quase nada resta. Em 1966, graças ao descortino do Reitor Martins Filho aquela área foi cedida à UFC pela União.

Araripe nos conta tudo isso no seu bem documentado estudo enriquecido pelas suas observações e reflexões críticas. E assim se vai escrevendo a História dos nossos homens de brio, de um tempo em que coragem cívica e o sonho da independência representavam a aspiração maior de alguns bons brasileiros. Independência? Ainda não completada enquanto setores amplos da população estiverem na outra margem. É preciso integrá-la ao progresso e ao bem-estar. Aí sim teremos a independência definitiva.